

Crítica, vida e teorias de Edgar Morin: recortes do cinema, massa e cidadania¹

Critical, life and theories of Edgar Morin: clippings of film, mass and citizenship

*Thiago Cardoso Franco*²
(Thiagofranco730@gmail.com)

*Simone Antoniaci Tuzzo*³
(simonetuzzo@hotmail.com)

<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v16i2.29186>

Resumo

Pesquisar sobre Edgar Morin é compreender que a simplificação não se auto-sustenta como hegemônica, pois existe um sistema maior que exige o entendimento de uma cultura global e complexa. Para lidar com as dificuldades dessa nova questão é necessário buscar o sujeito, que é diferente do indivíduo; saber as diferenças entre comunidade e sociedade; descobrir a complexidade social. Assim, o complexo é um conjunto de elementos integrantes de sistemas interdependentes. Talvez, após essa análise possa haver uma cidadania local/global. Para discutir um pouco dessa temática foi utilizada uma metodologia bibliográfica dialética. O objetivo desse trabalho é mostrar um pouco da vida de Morin, sob um aspecto da cidadania, mídia e massa.

Palavras-chave: Cidadania. Complexidade. Indivíduo. Massa. Sujeito.

Abstract

Research on Edgar Morin is to comprehend that simplification is not self-sustaining as hegemonic. There is a greater system that requires knowledge about a global and complex culture. To cope with the difficulties of this issue is necessary to seek for the subject, which is different from the individual; be aware of the differences between community and society; discover the social complexity. Thus, the complex is a set of elements part of interdependent systems. Maybe, after this analysis may be a local/global citizenship. To discuss this theme here is used the dialectical methodology. This work aims to show a bit of Morin's life in the aspects of citizenship, media and mass.

Keywords: Citizenship. Complexity. Individual. Mass. Subject

1 Breves relatos sobre Edgar Morin

Antes de apresentar um pouco das teorias de Edgar Morin, se faz necessário citar rapidamente algumas características da vida do filósofo, que é chamado por tantos títulos devido ao seu estilo e conhecimento em várias áreas.

¹ Este trabalho foi desenvolvido dentro do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad.

² Pós-Graduação em Comunicação, nível de Mestrado, da Universidade Federal de Goiás, UFG. É especialista em Comunicação Integrada e bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Goiás.

³ Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMESP, Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad. Professora e Orientadora do Trabalho desenvolvido na Disciplina Seminários Temáticos de Mídia e Cidadania – PPGCOM – UFG.

Morin é pseudônimo de Edgar Nahoum, nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921, é um sociólogo e filósofo francês. Pesquisador emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS*. Tem formação em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Já publicou mais de 50 livros e, atualmente, é considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade.

Na década de 60, foi um dos desenvolvedores da corrente de pesquisa culturológica. Naturalmente, o livro “Cultura de massas no século XX” se tornou importante para a base dessa teoria. A idéia de cidadania está em todo momento intrínseco nos escritos do pesquisador francês. No entanto, ele tocará no assunto de forma direta apenas nas publicações mais recentes.

Inicialmente, Edgar Morin desenvolve uma concepção de individualização e simplificação, para explicar o surgimento da “cultura de massa”. Além disso, ele começa a relatar as crises que a Europa e humanidade estavam passando na época. A obra foi dividida em dois volumes: “Neurose” foi escrito entre 1960 e 65; já o livro “Necrose” entre 1965 e 75.

2 Morin e o cinema

Morin a vida toda teve uma relação muito próxima com o cinema. Ele mostrou que a arte da imagem e som, em movimento, democratizava o acesso à cultura “Ora, o cinema foi o primeiro a reunir em seus círculos os espectadores de todas as classes sociais urbanas e mesmo camponesas”, (MORIN, 2009a, p. 40). Em “Crônica de um Verão”, dirigido por Morin na década de 60, o filósofo aplica suas teorias, entrevistando as pessoas no que parece um experimento de base do livro “Cultura de massas no século XX”. O momento era de mudanças para o cinema, modificações nas abordagens e nos equipamentos.

Para Ramos (2008, p. 270), o filme causou grande repercussão, pois mostrava a discussão sobre a naturalidade às interferências nas tomadas. Para a época, era uma mudança de formato no cinema. Esse novo estilo foi batizado de “cinema verdade”, apesar do nome ficar difundido, na França, como “cinema direto”.

O cinema verdade francês abusava das técnicas de entrevistas individuais e em grupo. A abordagem era feita corpo a corpo. Entretanto, as nomenclaturas variam de autor para autor, pois na mesma época foi criado o “cinema direto”, nos EUA. Nesse, a interferência era mínima. Na verdade, as duas modalidades concorriam ao título de cinema da veracidade, o que ocasionou muitas discussões.

Talvez para um crítico de cinema esse detalhe (Cinema direto X Cinema Verdade) seja o ponto dos debates que interessam. Mas, Morin foi muito mais completo nesse filme *Crônica de Verão*. Ele aproveitou pra colocar nesse material suas ideias, sua visão sobre cultura e sociedade.

O filme logo no início deixa claro que Morin é o chefe. Ele é quem conduz os diálogos e o que deve ser averiguado. Na edição a coisa não é diferente, Morin parece estar transformando sua pesquisa em cinema e vice e versa. Esse artigo destaca, especificamente, a importância de um diálogo entre Ângelo (um operário) e Landry (um estudante africano).

Na conversa, Landry se mostra maravilhado com os automóveis e se diz adaptado às novas regras que teve de aprender, como por exemplo, conviver com o pré-conceito. Ângelo diz que os franceses são individualistas e que pensam apenas em si mesmos. A maioria tem um carro, mas come mal, finge ter uma vida de regalias, e é formada de operários pobres. Exatamente nesse momento, Morin explica de forma indireta sua ideia sobre a simplificação e a individualização.

3 Perspectivas de simplificação e massa

Segundo Morin (2009a), a cultura de massa desenvolveu suas características a partir da década de 30, ela se apropria de outras formas de cultura para se manter. O que acontece é uma simplificação da cultura popular e burguesa. É interessante notar que Morin atualiza a ideia de indústria cultural de Adorno.

Assim os conteúdos da cultura de massa não foram fabricados artificialmente. A cultura de massa, em certo sentido – o sentido indicado acima –, é a herdeira e a continuadora do movimento cultural das sociedades ocidentais. Na cultura de massa vão confluír as duas correntes com as águas freqüentemente misturadas, e, no entanto, fortemente diferenciadas logo que a industrialização da cultura aparece: a corrente popular e a corrente burguesa, a primeira dominando, de início, a segunda se desenvolvendo em seguida. A cultura de massa integra esses conteúdos, mas para logo desintegrá-los e operar uma nova metamorfose. (MORIN, 2009a, p. 61).

Morin descreve a ideia de massa dos anos 30. O primeiro esboço sobre a relação de massa com a sociedade aparece no pensamento de Tocqueville (2004), quando descreve a democracia nos Estados Unidos. Lugar onde as pessoas não possuem títulos de nobreza e apresentam uma semelhança muito grande.

Tocqueville (2004) era contra a democracia e seu temor estava relacionado à vontade das massas, já que o que valeria não seria a verdade individual, mas as vontades das maiorias. Assim, ele pensava que a tirania poderia se instaurar se tivesse aprovação do montante homogêneo.

O Visconde, representante da aristocracia de sua época, descreve um Estado forte de cidadãos semelhantes e fracos, quando explica o comportamento das democracias diante das guerras.

Só é forte num país democrático o Estado; como a força militar do Estado e reduzida pela destruição de seu exército e seu poder civil paralisado pela tomada da capital, o resto não constitui mais que uma multidão sem regra e sem força que não pode lutar contra a força organizada que a ataca. Sei que é possível diminuir o perigo criando liberdades e, por conseguinte, existências provinciais, mas esse remédio será sempre insuficiente. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 351).

Tocqueville (2004) explica melhor o que pensa sobre massa durante todo o livro, mas diante das guerras, ele parece ser mais enfático. No último parágrafo, da terceira parte, ele anexa uma explicação que mostra bem o assunto.

Quando um povo tem um estado social democrático, isto é, quando não existem mais em seu seio nem castas nem classes e quando todos os cidadãos são mais ou menos iguais em luzes e em bens, o espírito humano caminha em sentido contrário. Os homens se assemelham e, além disso, sofrem, de certa forma, por não se assemelharem. Longe de querer conservar o que ainda pode singularizar cada um deles, tudo o que querem é perder sua singularidade para se confundirem na massa comum, a única a representar, ao ver deles, o direito e a força. O espírito de individualidade e quase destruído. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 426).

Quem resgata esse conceito de massa em Tocqueville (2004) é Jesus Martín-Barbero (2009, p. 53). Para ele, as turbas, antes personalizada nos perigos de fora, pela barbárie – agora – se transformam nas massas, que dissolvem de dentro, os tecidos das relações de poder.

Martín-Barbero (2009, p. 55) mostra que Tocqueville (2004) racionalizou o medo da burguesia que se encontrava na berlinda de uma desordem social. A preservação, da aristocracia, da desigualdade se fazia necessária para a manutenção da ordem.

A rebelião das massas que agora invadem tudo e todos querem ter direitos, era o retorno da Idade Média, a tomada vertical dos bárbaros sem cultura, que se organizam de baixo para cima. Fazer parte de uma cultura é ter normas e as massas não respeitavam isso.

As turbas eram os motins de subsistência, numa visão reducionista de fora, na qual se limitavam aos preços do pão e caracterizada pela violência, pela destruição, incêndios, protestos transformados em revoltas e atentados contra a propriedade.

Durante muito tempo historiadores de direita e de esquerda tem coincidido nessa concepção, da qual não é possível escapar nem idealizando as massas em “povo”, nem descrevendo detalhadamente a composição social da turba, descrição com a qual se busca superar os preconceitos com que direita impregna sua concepção do populacho. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 142).

Nesse contexto contraditório de consumo, política e revoltas, as massas emergem. Mas, cultura de massa só pode ser pensada a partir do momento que o cinema norte-americano, num movimento internacional, arrasta grandes multidões populares para as escuras salas de entretenimento e partir desse momento, os outros meios de comunicação passam a ser analisados nessa perspectiva.

Tocqueville (2004) erra suas previsões, a democracia se fortalece no mundo. Entretanto, num sentido contraditório, a individualização permanece não exatamente na forma que ele descreve. Morin, explica como vai se comportar a individualização na modernidade, baseada no capitalismo e no consumo.

Morin faz suas primeiras críticas à ideia de simplificação e mostra que não existe apenas a individualização do objeto, mas também do ser. A cultura de massa adotou a simplificação para deixar inteligível o sentido dos produtos e consequentemente alcançarem um grande público. Quando Edgar Morin escreveu “Cultura de Massa no Século XX”, ele praticamente se limitou aos estudos de uma cultura vinculada a “indústria cultural”, com algumas influências da Escola de Frankfurt, mas abandonou o pessimismo adorniano.

As obras não deixam de ser autorais. O que acontece é uma produção cultural de forma industrial. A indústria na verdade luta o tempo todo para manter uma originalidade, mesmo dentro da padronização, para manter o desejo do consumo.

Portanto, nem a divisão do trabalho nem a padronização são, em si, obstáculos à individualização da obra. Na realidade, elas tendem a sufocá-la e aumentá-la ao mesmo tempo: quanto mais a indústria cultural se desenvolve, mais ela apela para a individualização, mas tende também a padronizar essa individualização. (MORIN, 2009a, p. 31).

É importante ressaltar que algumas teorias, escritas na década de 60, não se sustentam mais. Quando se lê a obra de Morin tem que ser levado em consideração o contexto na qual foi escrita. O presente trabalho abandona duas ideias que o filósofo adotou na época: o conceito de massa e de meio. A ideia de massa pelo simples fato do público ser heterogêneo. Já o meio não é um mediador, pois se trata de uma instituição que é autônoma que tem vontade própria. As mediações acontecem no bairro, na escola, na família e até mesmo na internet, mas não nos meios tradicionais.

O que na verdade, caracteriza os processos sociais denominados “comunicação de massa” é a constituição de um campo institucional relativamente autonomizado e a sua relativa dependência de uma esfera pública que lhes é própria e pela qual transacionam no âmbito do cotidiano social moderno. Se tal característica não efetua uma diferenciação nítida das

demais instituições da alta modernidade, é porque não deve ser outro o quadro onde devam ser analisadas, mas tal institucionalização é por demais evidente para ser negada ou confundida com outras. Ocorre, contudo, que o termo “massa” é inconsistente e contraditório em demasia para ser utilizado nessa caracterização. Seu uso, além de plenamente dispensável, exige, devido aos problemas que traz uma série de explicações adicionais que tornam o preço teórico a pagar alto demais para valer a pena. Tal é a razão pela qual a noção de massa, por teoricamente equivocada e, até, politicamente questionável, pode e deve ser inteiramente descartada. (SIGNATES, 2009, p. 37).

Isso leva ao encontro de Willians (2011, p. 325) para quem massa é um termo preconceituoso para substituir turba, derivada dos tumultos populares. Para ele, massa sempre são os outros, e para os outros nós somos a massa.

Essa noção de massa é bem contraditória na visão moriana. Ele mesmo abandona essa ideia anos mais tarde. Mas, o conceito de indivíduo ainda permanece bem consistente, na atualidade.

4 Indivíduo

O consumo gera o individualismo, para Morin. O fato ocorre devido à mecanização do trabalho, a especialização na formação, a burocratização, que esvazia as substâncias pessoais. “Assim, a modificação das condições de vida sob o efeito das técnicas, a elevação das possibilidades de consumo, a promoção da vida privada correspondem a um novo grau de individualização da existência humana.” (MORIN, 2009a, p. 90).

O filósofo começa a fazer uma crítica às especializações. As pessoas são técnicas e concentram o conhecimento numa única coisa e ficam ignorantes em outras. Não existe uma ligação entre as áreas do conhecimento. Morin (2009b) mostra que todos os problemas levantados na época que escreveu o livro “Neurose” se confirmaram e então escreve o “Necrose”, para apontar todos os problemas enfrentados no período.

Ainda na década de 70, ele percebe a necessidade de rever todos os conceitos empregados até o momento e acaba escrevendo o primeiro volume do “O Método: a natureza da natureza”, que é o início de uma série de livros, da sua principal obra. Dessa forma, ele desenvolve o conceito de complexidade e indica a importância de entender o sujeito na sua plenitude e não apenas do ponto de vista do indivíduo. Ele reformula a ideia de ser.

5 Complexidade

Utilizamos o termo complexo em seu sentido gramatical fundamental, e não naquele utilizado inicialmente, de modo complexo, por Freud, que depois foi distorcido e

vulgarizado pela psicanálise. Por conseguinte, para nós, um complexo é um conjunto que engloba várias partes ou elementos, ou melhor, é um sistema formado por elementos distintos em interdependência. Este conceito molecular, nem rígido demais, nem flexível demais, implica simultaneamente a unidade orgânica e a diversidade dos elementos que o constituem. (MORIN, 2008, p. 89).

Morin sentiu a necessidade de entender a complexidade devido à crise da humanidade que ele identificou na década de 70. O pensador humanístico foi buscar respostas nas ciências exatas e naturais, nas teorias da informação e dos sistemas, para romper fronteiras entre as disciplinas e em seguida fazer uma reforma do pensamento. Dessa forma, o paradigma da complexidade se opõe ao paradigma da simplificação.

Para elaborar sua teoria dos sistemas, ele buscou suas bases na cibernética, como por exemplo, os conceitos de comunicação/informação de Norbert Wiener, que pensa uma espécie de utopia da comunicação.

A sociedade da informação é, em grande medida, a concretização daquilo que uns chamam “ideologia e outras “utopias da comunicação”. Esta ideologia/utopia – que surge nos Estados Unidos da América, mais ou menos na mesma época em que começam a proliferar “os discursos de crise” sobre a ciência e a tecnologia, ligados aos trabalhos e engenheiros como John von Neumann, Norbert Wiener, Claude Shannon e Warren Weaver – apresenta-se a si própria como forma de ultrapassar quer a barbárie da 2ª Guerra Mundial quer o nihilismo nela decorrente. (SERRA, p. 89-90, 1998).

Essa ideologia/comunicação parte de pressuposto de que todos os fenômenos sociais ou naturais são explicáveis em termos de comunicação. Entretanto essa “comunicação” deve ser entendida como troca de informação.

Morin baseia-se nessa ideia informacional para montar uma teoria de automação. Entretanto, o automatizar será elaborado a partir da *autopoiese*, termo criado na década de 70 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana. Autopoiese designa a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

Humberto Mariotti (1999) explica que a ideia de “autopoiese” traduz o que Maturana chamou de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. Para exercê-la de modo autônomo, eles precisam recorrer a recursos do meio ambiente. Em outros termos, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. O paradoxo autonomia-dependência dos sistemas vivos é melhor compreendido por um sistema de pensamento que englobe o raciocínio sistêmico (que examina as relações dinâmicas entre as partes) e o linear. Eis o pensamento complexo, modelo proposto por Edgar Morin.

A complexidade serve para propor a reforma de pensamento e aproximar as ciências (uma espécie de transdisciplinaridade), levá-las ao cidadão para que ele entenda o que está sendo feito no mundo. Morin luta contra as especializações, os conhecimentos unilaterais.

De facto a hiperespecialização impede ver o global (que fragmenta em parcelas) assim como o essencial (que dissolve). Ora os problemas essenciais nunca são parcelares e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além do mais, todos os problemas particulares só podem ser colocados e pensados corretamente no seu contexto e o próprio contexto destes problemas deve ser colocado, cada vez mais, no contexto planetário. Ao mesmo tempo, o recorte das disciplinas torna incapaz a ajuizar (do que é tecido de conjunto), ou seja, segundo o termo original do termo, o complexo. O desafio da globalidade é, portanto, ao mesmo tempo, um desafio de complexidade. Com efeito, existe complexidade quando são inseparáveis os componentes diferentes constituindo um todo (como o econômico, o político o psicológico, o afetivo, o mitológico) e que existe tecido interdependente, interativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora os desenvolvimentos, próprios do nosso século e à nossa era planetária, afrontam-nos cada vez mais a cada vez mais inelutavelmente aos desafios da complexidade. (MORIN, 1999, p. 14).

A especialização vai contra o sujeito, contra a complexidade e contra a cidadania. Mas quem é o cidadão? Para responder essa pergunta, é necessária a noção de sujeito.

6 Sujeito

Morin volta à noção de indivíduo para explicar o sujeito. O indivíduo é preliminar ao entendimento do sujeito e dessa forma, ele abandona o conceito clássico determinista das ciências humanas e sociológicas.

Do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução, mas este produto é ele mesmo produtor neste ciclo dado que o indivíduo que, acoplando-se a um indivíduo de outro sexo, produz este ciclo. Somos, pois, simultaneamente produtos e produtores. Do mesmo modo, para considerar o fenômeno social, são as interações que produzem a sociedade, mas a sociedade com a sua cultura, com as suas normas, retroage sobre os indivíduos sociais dotados de uma cultura. (MORIN, 1999, p. 127).

Morin (2002, p.54-57) esboça que o ser humano não pode ser pensado de forma unitária, individualista. O ser humano é singular e múltiplo, ou seja, é complexo.

O ser humano não é físico pelo seu corpo. É físico pelo seu ser. O seu ser biológico é um sistema físico. Somos supersistemas, isto é, produzimos incessantemente emergências. Somos supersistemas abertos, isto significa que nenhum ser vivo tem mais necessidades, desejos e esperanças que nós. Somos sistemas fechados, nenhum é tão fechado na sua singularidade incomunicável. (MORIN, p. 339, 1996).

O filósofo mostra que o que diferencia o indivíduo do sujeito é justamente a capacidade cognitiva, que pode ser chamada computacional e “podemos então enunciar que a qualidade própria a todo o indivíduo sujeito não poderia reduzir-se ao egoísmo e permite pelo contrário a comunicação e o altruísmo” (MORIN, 1999, p. 131).

Para ele, na verdade, falta uma concepção complexa do sujeito. Entretanto, ele vai margear a noção definindo da seguinte forma:

Concluindo, o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. Creio que o reconhecimento do sujeito necessita uma reorganização conceptual que acabe com o princípio determinista clássico tal como é ainda usado nas ciências humanas e sobretudo sociológicas. É evidente que no quadro de uma psicologia behaviorista, é impossível conhecer um sujeito. Logo é preciso uma reconstrução, são necessárias as noções de autonomia/dependência, a noção de individualidade a noção de auto produção, a concepção do anel recursivo onde se é simultaneamente o produto e produtor. É necessário, também, associar noções antagonistas como o princípio da inclusão e o princípio da exclusão. É preciso conceber o sujeito como aquilo que dá unidade e invariabilidade a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. E por isso, se está sob o domínio do paradigma cognitivo prevalecente no mundo científico, o sujeito é invisível e nega-se sua existência. Ao contrário, no mundo filosófico, o sujeito torna-se transcendental, escapa à experiência, revela do espírito puro, e não se pode conceber o sujeito nas suas dependências, nas suas fraquezas, nas suas incertezas. (MORIN, 1999, p. 131).

Morin resume o conceito de uma diversidade complexa de características, que vão formar os sujeitos.

A conclusão pela cidadania

Para entender a cidadania em Morin (1999, p 72), é preciso saber que a sociedade é complexa e que comunidade faz parte da sociedade. A nação é uma sociedade nos interesses econômicos, políticos, sociais etc. A comunidade faz parte da sociedade e tem caráter cultural/histórico. Nesse contexto, pode-se dizer que existem perigos que a todo tempo colocam em risco a humanidade. Esses riscos podem ser comprovados a partir da análise de história e podem ser desconhecidos.

Na verdade, a dominação, a opressão, a barbárie humana permanecem no planeta e agravam-se. Trata-se de um problema antro-po-histórico fundamental, para o qual não há solução a priori, apenas melhoras possíveis, e que somente poderia tratar do processo multidimensional que tenderia a civilizar cada um de nós, nossas sociedades, a Terra. (MORIN, 2002, p.114).

Morin (1999, p. 73-80) explica que o verdadeiro cidadão é aquele que é solidário com a sua sociedade e também as diferencia das outras sociedades. Para se alcançar essa cidadania, ela precisa ser aprendida e ensinada.

O enfraquecimento de uma percepção global conduz ao enfraquecimento do sentido da responsabilidade, cada um tende apenas a ser responsável pela sua tarefa especializada, assim como conduz ao enfraquecimento da solidariedade, cada um deixa de entender o seu lado orgânico com a cidade e os seus cidadãos. (MORIN, p. 19, 1999).

Para o pensador, alertas desse nível são sempre importantes em tempos de barbárie e mal-estar. Ele reforça a urgência de propor uma política de civilização que reconheça não apenas os valores das sociedades ocidentais, mas também as virtudes de outras sociedades ditas periféricas. Os desafios que o século XXI apresenta do Oriente ao Ocidente exigem a construção da cidadania mundial. Morin diz que uma das formas para alcançar tal objetivo passa pelo caminho da educação formal.

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro. (MORIN, 2002 p. 104).

Assim, numa visão moriana, o prioritário para um bem viver é regenerar as cidadanias locais e gerar uma cidadania mundial que religue as várias terras natais a Terra-Pátria. Se o amor, a reforma da moral e da ética prevalecer sobre a ganância da economia e a incapacidade da política, a regeneração civilizatória pode recalcar a barbárie de uma vez por todas.

Referências

- MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade**. 1999. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu/autopoies.html>>. Acesso em: 28 de abril de 2013.
- MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Instituto Piaget: Lisboa/Portugal, 1999.
- MORIN, Edgar. **O método**: a natureza da natureza. Biblioteca Universitária: SP, 1996.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Editora Cortez: SP, 2002.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: Neurose. Florence: Rio de Janeiro, 2009 a.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: Necrose. Florence: Rio de Janeiro, 2009 b.
- MORIN, Edgar. Os complexos imaginários. In: PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Isabel (Orgs.). **Edgar Morin**: ética, cultura e educação. São Paulo: Cortez, 2008.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.
- SERRA, J. Paulo. **A informação como utopia**. Covilhã: Universidade Beira do Interior, 1998.
- SIGNATES, Luiz. **A sombra e o avesso da luz**: Habermas e a comunicação social. Goiânia: Kelps, 2009.
- TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**: sentimentos e opiniões, de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WILLIANS, R. **Cultura e sociedade**: de Coleridge e Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- WILLIANS, R. **A imprensa e a cultura popular**: uma perspectiva histórica. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 15-26, dez. 2007.
- ROUCH, Jean e MORIN, Edgar. **Crônica de um verão** (Chronique d'un Été) [Filme-Video] 1960. 1 cassete VHS, 82 min, P&B. son.